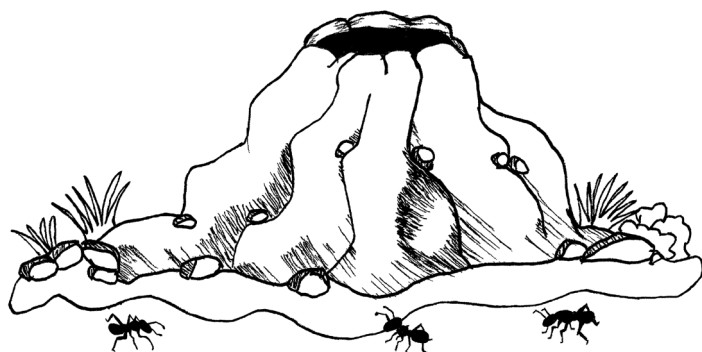


PISA LIGEIRO

O QUE AS MULHERES FAZEM
PARA MUDAR O MUNDO



CAMILA PAULA
ORGANIZADORA

Textos: Camila Paula e Ellen Dias
Ilustrações: Ellen Dias
Diagramação: Ellen Dias
Revisão: Camila Paula

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	05
<i>Formigueiro</i>	07
<i>Outros tempos</i>	08
<i>Se eu não posso dançar</i>	10
<i>Desfazendo mal entendidos</i>	12
<i>Todo dia</i>	13
<i>Margarida</i>	14
<i>Margaridas</i>	15
<i>Pé de quê</i>	16
<i>Protagonistas da resistência</i>	17
<i>Ditadura dos tamancos</i>	19
<i>Cisternas</i>	20
<i>Tião e sua esposa</i>	22
<i>O marido de Geralda</i>	23
<i>Mel</i>	24

<i>Pai solteiro e mãe solteira</i>	26
<i>Oásis</i>	27
<i>Negra</i>	28
<i>Sabedoria popular</i>	29
<i>Receitas</i>	30
<i>Um novo refrão</i>	31
<i>Recomeçar</i>	32
<i>Almoço de domingo</i>	33
<i>Ação 2010</i>	35
<i>Noêmia</i>	36
<i>Pequenas grandes revoluções</i>	38
<i>Redesenhando a vida</i>	39
<i>Saída</i>	40
<i>Tecendo o amanhã</i>	42
<i>Irreverência disciplinada</i>	43
<i>Véspera</i>	44

PREFÁCIO

Ao ler as primeiras páginas, fui imediatamente contagiada pela beleza e pela força das histórias deste livro. Só então me dei conta que estava sendo convidada a escrever este prefácio. Agradeço imensamente às minhas amigas e companheiras de Marcha, Ellen e Camila, por me proporcionarem essa honra.

Onde comecei escrever os primeiros rabiscos deste prefácio daria também uma história (risos) para este livro sobre os jeitos de as mulheres mudarem o mundo. Quando recebi o convite estava em Natal, Brasil, me preparando para participar do Encontro Américas da Marcha Mundial das Mulheres, que aconteceria em Santiago do Chile. Estando em Santiago, fui a Isla Negra. E olhando a mesa do escritório de Neruda que o mar lhe dera de presente, comecei a rabiscar na memória o prefácio deste livro que é uma ode ao feminismo.

Este não é um livro sobre formigas, e nem de histórias fictícias, são escritos inspirados na luta e resistência aprendidas e vivenciadas ao longo da trajetória de 30 anos de uma instituição que descostura o passado desigual e tece um hoje

e um amanhã de igualdade e liberdade, portanto de felicidade, no RN e no mundo: O Centro Feminista, grande pé de teimosia, como diz a filha de “Célia” em “Pé de quê”.

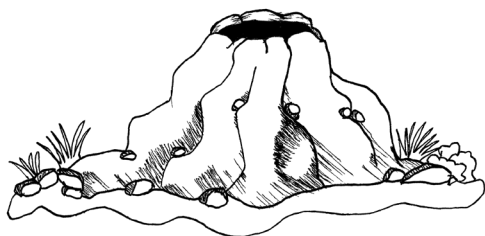
Nas próximas páginas você vai encontrar a festa da véspera do nascimento da nossa querida amiga feminista Nalu Faria. Eu amei essa festa. Tem também o dia que Jovelina fez revolução e dançou, e é impossível não querer dançar com ela. Tem a sabedoria popular da rezadeira Justina, tem o grito de liberdade de Aline contra o salto e a opressão. Tem o encontro da luta com Maria Alves que virou um grande roçado de Margaridas.

Este livro é de doce leitura, acho até que tão doce quanto mel de abelha misturado com farinha e a luta das mulheres. Quando você pensa que não, está nas últimas páginas e entende que seja no Chile, em Mossoró, Apodi, Natal ou na Palestina, no campo ou na cidade, através da auto-organização feminista popular do CF8 e da Marcha podemos pisar ligeiro as passadas para, todo dia, mudar o mundo. E isto é um convite.

Adriana Vieira –
Militante da Marcha Mundial das Mulheres
e do Centro Feminista 8 de Março.

FORMIGUEIRO (Camila Paula)

No terceiro encontro internacional da Marcha Mundial das Mulheres em 2013, São Paulo, Nalu Faria disse assim: “sigamos no passo da mais lenta”. Lembrei a música que diz “Pisa ligeiro. Quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro”. Se o formigueiro pega fogo, nenhuma formiga deve ficar para trás. Então é assim que é Pisar ligeiro: junto e no passo de quem pode menos, porque só quando as passadas se contagiam é que a Marcha se aligeira. E isso não é sobre formigas.



OUTROS TEMPOS (Ellen Dias)

Quando os primeiros raios de sol começaram a se exibir, dourando toda a vila para anunciar o nascer de um novo dia, Damiana já estava terminando de preparar o almoço. Seu marido, Flaviano, sentado num tamborete perto da mesa da cozinha, escutava as notícias locais em um rádio de pilha sintonizado na AM, enquanto enrolava um brejeiro. A vila já tem internet há muito tempo, mas Flaviano é um homem avesso à modernidade e gosta de preservar as coisas conforme sempre foi acostumado a fazer, um homem de outros tempos.

Enquanto terminava de lavar os pratos, Damiana pediu ao marido que olhasse a panela que estava no fogo, mas o agricultor, que apreciava seu café com bolo de leite, logo retrucou:

- Não sei olhar panela, isso é serviço de mulher!

A mulher ainda insistiu:

- Não existe isso de serviço de homem e serviço de mulher.

Flaviano olhou muito sério para a esposa:

- Só se for pra esse povo de agora. Eu sou de outro tempo e no meu tempo era diferente.

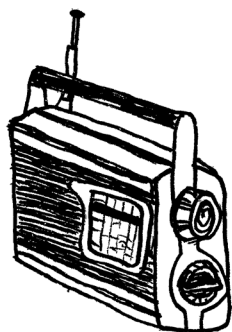
Depois de arrumar a casa, deixar o almoço pronto, lavar os pratos e cuidar das plantas do quintal, Damiana já estava quase pronta pra sair, quando o marido reclamou:

- Já vai pro mei' do mundo? Depois que

inventou essa história de grupo de mulher não para mais dencicasa, só quer viver andando! No meu tempo não era assim...

Damiana lhe respondeu com um sorriso de canto de olho:

- Pois se acostume! Agora os tempos são outros!



SE EU NÃO POSSO DANÇAR... (Camila Paula)

Jovelina acordou cedo como sempre, mas a tímida cinquentona tinha uma animação diferente. Pela primeira vez ela sairia de Riacho, em Currais Novos, para se juntar a mulheres de outras regiões do Estado e trocar experiências de produção dos quintais. Isso parecia música para ela.

Na van, que a levava para o local do encontro, quase nem acreditava: olhava a paisagem e balançava os pés - talvez por ansiedade ou por obediência ao ritmo que tocava em seu coração. Foi um dia intenso de muita conversa e novas vivências com essas mulheres que se chamavam companheiras.

Chegada à noite, Jovelina ouviu a música que tocava só dentro dela parecer mais alta: as outras também ouviam! Era chegado o momento da cultural. Uma festa. Só de mulheres. E pode? E presta?

Basta! O trio pé de serra começou a tocar e Jovelina foi surpreendida por uma das moças que trabalhava na entidade organizadora do intercâmbio:

- Bora dançar, Jove!

Jovelina olhou... Percorreu com os olhos todo o salão. Viu que algumas já estavam de pé, animadas. Estagnada ela respondeu:

- Faz 30 anos que eu não danço.

- Isso tudo? Por quê?

- Faz 30 anos que eu casei.

Acho que foi a primeira vez que Jovelina se deu conta. Então ela se deixou levar. Dançou a noite inteira. Ela e suas companheiras. Dançou, sorriu, cantarolou... Foi até depois de a festa acabar. E nunca mais parou.



DESFAZENDO MAL ENTENDIDOS (Ellen Dias)

Madalena e a filha Daniele tinham ido ao mercadinho de Jairo fazer a feira do mês. Como era dia de pagamento, o lugar estava bem movimentado. Geruza, uma companheira do grupo de mulheres, encontrou-se com as duas por acaso e ficou puxando conversa.

Quando Daniele se afastou para pegar um pacote de bolacha em outra sessão, Geruza se aproximou de Madalena e, espantada, a questionou:

- Mulher, essa sua menina tá tão diferente depois que cortou os cabelos... eu achava tão bonito ela com aquele cabelão...

Juvenal, que ia passando do lado, foi logo dando opinião:

- Essas menina novinha depois que inventa essas coisas de feminismo vira tudo sapatão.

- Que história! Não existe isso não!, exclamou Madalena, muito séria.

Daniele, que tinha voltado pra pegar o celular, escutou toda a conversa e disse pra quem quisesse escutar:

- Seu Juvenal, o feminismo não faz ninguém virar lésbica. A gente já nasce assim. O feminismo só nos mostra que não precisamos ter vergonha de ser quem somos. O senhor tem algum problema com isso?

Sacudindo a cabeça em negativa, Juvenal sorriu sem graça. Madalena sorriu orgulhosa!

TODO DIA (Camila Paula)

Todo dia ela faz tudo sempre igual. Acorda às 4h da manhã. Põe a lenha no fogão, agua as plantas, alimenta os bichos do quintal, prepara o café, acorda o marido, serve os meninos, lava a louça, faz o arroz e o feijão. Colhe os legumes e verduras, limpa a casa, termina o almoço, lava a roupa. Serve o almoço, manda os meninos pra escola, lava a louça que ficou, apanha e passa a roupa do varal. O marido chega em casa, toma banho e deita. Os meninos chegam da escola e vão estudar. Ela prepara o jantar. Todos comem e se regozijam. Ela lava a louça. De novo. Varre as migalhas, deixa tudo limpo e pronto pro outro dia. Manda os meninos dormirem. Vai se banhar. Finalmente hora de deitar. Mas amanhã ela vai passar o dia fora. Encontro territorial de mulheres da Marcha. Antes de sair deixa algumas coisas encaminhadas, mas o resto do dia, como será? Quem vai lavar, cozinhar, passar, limpar, cuidar? Eis que retorna ao fim do dia e: a casa não caiu, as pessoas estão alimentadas e vestidas. Ela precisa é que todos os dias sejam diferentes.



MARGARIDA (Ellen Dias)

“É melhor morrer na luta do que morrer de fome”. Mais que uma frase, um ideal e um símbolo de coragem. Coragem essa que a covardia dos algozes nunca abalou. A terra que Margarida pisou jamais deixou de florescer. Entre morrer e morrer, não há tempo a temer. Tentaram calar sua voz, mas não adiantou: a camponesa-semente brotou no peito de cada uma de suas companheiras. Margarida se multiplicou! Hoje são milhares de Margaridas, do campo, da cidade, das águas e da floresta; de todas as cores e de todas as idades, marchando e lutando pelo Brasil que Margarida Maria Alves sonhou.



MARGARIDAS (Ellen Dias)

Quase duas da manhã e o ônibus seguia solitário pelas rodovias escuras do semiárido nordestino. Em seu interior, porém, não havia silêncio. Voltando de uma marcha em Brasília, uma delegação de mais de 40 mulheres cantava e entoava palavras de ordem, acompanhadas pelo som do pandeirinho que aquela companheira descontraída sempre fazia questão de levar para toda atividade. Nem a caminhada de mais de 6 km ou o “descostumeiro” frio da noite anterior, nem os dois dias de estrada na viagem de ida e os quase dois dias já percorridos na viagem de volta, conseguiram tirar o ânimo daquele grupo. A luta é o que cultiva o campo onde se multiplicam margaridas de todos os modelos e de todos os tipos de cabelos, que nem na música tocada tantas vezes durante aqueles dias. Assim o ônibus seguiu viagem e há quem diga que por onde passou, a estrada ficou florida, enquanto as mulheres cantavam: somos todas margaridas!



PÉ DE QUÊ (Camila Paula)

Certo dia, pegando a estrada de Assu para Upanema, Célia sente um aperto no coração, os olhos lacrimejam. Sua filha, sentada ao seu lado, percebe e pergunta:

- Que foi, mãe?

- Dá uma dor, sabe? Não tem mais uma árvore nativa na estrada. É só placa solar. Cadê a aroeira preta? As juremas?, Célia responde.

- É, mãe! Tão derrubando tudo, todo dia.

O motorista do carro de linha, que conhece o trabalho de dona Célia guardiã de sementes, interrompe a conversa:

- Mas dona Célia, se todos os dias eles derrubam, todo dia a senhora planta, né não?!

Célia interpela: - Nunca vou poder igual a eles...

E a filha interrompe:

- Mas se todo dia eles derrubam e todo dia a senhora colhe e planta as sementes, a senhora é um pé de teimosia. E pé de teimosia não tem quem derrube e nem quem impeça de brotar onde não querem.

Teimemos.



PROTAGONISTAS DA RESISTÊNCIA

(Camila Paula)

- Eles tão vindo aí! Disse Preta esbaforida trazendo a notícia do carro com os técnicos do DNOCS que se aproximava. E continuou:

- Disseram lá em Melancias que tão passando aonde o projeto vai se instalar pra medir e examinar as terras.

- Pois aqui eles não vão passar, não, respondeu Fran.

- Bora! Vamo chamar as mulheres do grupo. Eu tenho um plano, disse Preta.

Fran, que era do grupo de mulheres de Palmares, alertava que o projeto se tratava de um grande perímetro irrigado que cortaria aquelas terras para passar água para o agronegócio enchendo tudo de agrotóxico:

- O DNOCS disse que era um projeto que ia trazer desenvolvimento pra região, que seria bom vender nossas terras, que ia ter indenização, nossos maridos teriam emprego com salário. Mas na reunião do Sindicato, vocês viram: com o dinheiro que o DNOCS tá prometendo pelas terras, mal dá pra comprar um casebre no meio do nada, onde já não é nem cidade e nem tem terra pra plantar. Aqui em Palmares, que a gente conquistou com muita luta, tem terra, água (que é até difícil de ter em todo canto da região), sossego... E aqui ninguém é empregado de ninguém. Sem falar que aqui a gente planta sem veneno, sem prejudicar o

solo. As comidas que a gente come, que a cidade come, são daqui... Lá em Limoeiro, na parte da Chapada do Ceará, acharam agrotóxico até em leite materno... Imagina essa terra como tá...

Preta reforçou: E nós não estamos sós! Tem o sindicato, as meninas do CF8, a Marcha, a CPT...

E foi assim que, rapidamente, convenceram uma e outra que ficaram em dúvida de executar o plano de Preta. Juntaram mulheres, correntes, cadeados, enxadas. Foram para a porteira. Passaram as correntes e os cadeados, se puseram a vigiar, a postos, com seus instrumentos de trabalho, na frente da entrada da comunidade. 10 agricultoras e um objetivo: barrar o avanço de um projeto de morte.

Quando os técnicos do DNOCS chegaram, mal puderam acreditar no que viam. Parecia cena de filme. Entraram no carro e deram meia volta. Junto com as mulheres, o sindicato, a CPT, a Marcha Mundial seguiram na mobilização que virou nacional e até internacional com a hashtag #SomosTodasApodi nos quatro cantos do mundo. As agricultoras de Palmares jamais imaginaram que essa luta tomaria proporções tão grandes. Mas desde o episódio da porteira, se apropriaram da força da mobilização organizada e coletiva, e sem saber o final da batalha, se sentiram vitoriosas. Protagonistas da resistência.

DITADURA DOS TAMANCOS (Ellen Dias)

Quando terminou a faculdade, Aline foi trabalhar em uma empresa no centro da cidade. Um dia, quando estava de saída, o patrão a chamou para conversar. Fez um monte de arroteio sem chegar a nenhum lugar: falou de conduta, de vestimenta, disse que os sócios já estavam começando a reclamar... E a funcionária, sem entender nada, decidiu perguntar:

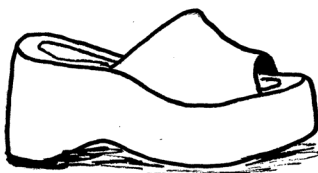
- Do que o senhor está falando?

- Ome, arrume uns tamanco!

A resposta do patrão deixou Aline “pra não viver”. Levar bronca por ir trabalhar de tênis? É muita falta do que fazer!

Aline largou os tênis, começou a usar sapato. Contudo, o que realmente incomodava não podia ser mudado. Incapaz de negar sua identidade, Aline foi demitida por não performar feminilidade.

Neste dia em que foi demitida, Aline chegou ao Café Feminista e pode dizer em alto e bom som o que estava entalado, sem pranto: abaixo a ditadura dos tamancos!



CISTERNAS (Camila Paula)

Era o primeiro dia pós-treinamento. A primeira vez que Nalva construiria, com outras mulheres, sua primeira cisterna de placa para guardar água da chuva, uma grande tecnologia de convivência com o semiárido.

Seu Osvaldo da bodega via toda a movimentação. Do seu ponto dava pra observar a vila inteira. E bodejava:

- Não tá vendo que isso não dá certo? Isso não é coisa pra mulher! Só conseguiram construir a cisterna de Seu Pedro porque foi junto com os homens, mas uma ruma de mulher sozinha? Não vão conseguir.

O terreno medido, o buraco cavado, as aprendizas dispostas. Mãos à obra. Faz o cimento, coloca nas formas de ferro, espera secar... De 6h às 17h sem parar.

Dia seguinte seu Osvaldo a fiscalizar:

- Essa parte das formas é fácil. Quero ver montar.

Monta alicerce, carrega placa, começa a estruturar a base. Mas o agouro de Seu Osvaldo seguia firme:

- A base é mais simples, né? Qualquer um faz.

Os dias se seguem, as cisterneiras montam a cisterna inteira debaixo de sol e de pitaco. E seu Osvaldo lá sem acreditar:

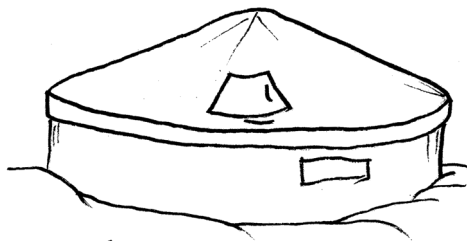
- Vão demorar demais pra terminar. Se os

homens tivessem aí, já tinha terminado.

No dia da entrega, dentro do prazo, cisterna erguida, pintada, prontinha. Nalva sorri olhando pra seu Osvaldo. Contrariado, respondendo ao sorriso da jovem que liderara a construção:

- Fazer cisterna é fácil. Difícil é cavar o buraco.

Para desespero de seus Osvaldos, Nalva e tantas outras cisterneiras, seguem firmes quebrando queixos de machistas e construindo boas tecnologias de convivência. Isso é o que podemos dizer de: Transformando o semiárido com as próprias mãos.



TIÃO E SUA ESPOSA (Ellen Dias)

Já passava da hora combinada e Geralda estava cada vez mais ansiosa. Mas tava que “não tinha fê” porque agora possuía uma tecnologia de reúso de água construída por suas próprias mãos e estava prestes a falar sobre essa experiência para o povo da televisão.

Os meninos da comunidade começaram a gritar quando viram o carro da emissora local. Geralda ajustou até os cabelos, já pronta pra falar. Mas na hora que desceu do carro, o repórter foi logo perguntando:

- Cadê o dono da casa?

Depois disso, coitada, a “pobe” de Geralda chega murchou, ficou toda sem graça. Saiu de perto da câmera e se sentou na paredinha do alpendre.

Quando a entrevista começou, Tião, todo sem jeito, não sabia nem o que dizer. Percebendo seu engano, o repórter chamou Geralda:

- Chegue aqui, venha pra cá! Caso ele esqueça alguma coisa, a senhora ajuda ele a lembrar.

A câmera começou a gravar:

- Estamos aqui em Monte Alegre, Upanema, com Tião e sua esposa...

O MARIDO DE GERALDA (Ellen Dias)

Era uma manhã muito movimentada no pequeno assentamento. Na casa de Geralda estava um grande movimento. Quando o apresentador do jornal da manhã estava quase de saída, uma equipe da TV nacional tinha acabado de chegar.

Assim que entrou na casa, a repórter foi logo falando:

- Bom dia! A senhora é que é Geralda?

Antes de começar a gravar, o cinegrafista chamou a colega para olhar o enquadramento:

- Aquele homem precisa vir mais pra cá!

- Aquele ali é Tião, o Marido de Dona Geralda, respondeu a repórter. Ela construiu a tecnologia com as outras mulheres do grupo. Ele não tem o que falar.



MEL (Camila Paula)

De janeiro a agosto, o manejo é mais intenso. Tem de preparar o terreno, monitorar as caixas, garantir a água fresca. É grande a batalha de Neuma e seu grupo em Baraúna para assegurar que nem o lote delas e nem dos vizinhos usem veneno para as abelhas poderem viver mais, polenizarem em paz e produzirem o melhor mel que é colhido, operculado, beneficiado e vendido pelas mãos das mulheres.

Em uma entrevista, a repórter do Diário do Oeste perguntou pra Neuma há quanto tempo ela e o grupo fazem o trabalho com as abelhas e como é fazer esse trabalho. Orgulhosa, ela respondeu que é desde 2008:

- Quando a gente começou não tinha esse espaço todo não. A gente só tinha o lote e a coragem. As técnicas do CF8 estimularam a gente a formar o grupo e organizar nosso trabalho produtivo. A gente tem a produção nos nossos quintais, mas o que a gente se apegou mesmo foi à apicultura. Conseguimos acessar crédito e políticas públicas para as mulheres, sempre fazendo a luta na Marcha e na Marcha das Margaridas, lutando por melhorias pra nós e pra todas as mulheres, né?

Hoje o grupo possui uma sede própria, máquinas de beneficiamento, reconhecimento da comunidade (dos homens que, inclusive, não acreditavam no potencial das mulheres) e comercializam através Rede Xique Xique de

economia solidária garantindo renda e a construção de suas autonomias pela auto organização e economia feminista.

Impressionado com tamanha articulação, o repórter faz sua última pergunta e é surpreendido:

- O que é mais doce? O mel das abelhas ou a organização de vocês aqui?

- Aí não tem como medir. A gente trabalha juntas por elas e por nós. Assim também são elas. As nossas batalhas não são doces. Mas enquanto estivermos juntas, nós e elas, sempre haverá mel!



PAI SOLTEIRO E MÃE SOLTEIRA (Ellen Dias)

Quando Davi nasceu, Yasmin ainda não tinha nem 20 anos. Antes de o menino completar um mês, Thiago voltou para a casa da mãe, mas prometeu que seria um pai presente.

Todo domingo (se sua mãe estivesse em casa, se não tivesse ensaio da banda, nem reunião do sindicato e se seu time não fosse jogar), Thiago ia buscar o filho para passar o dia com ele. Assim que o menino chegava, o pai tirava foto e postava. Enquanto papai respondia os comentários na rede social, vovó trocava as fraldas e preparava o mingau do netinho.

À noite, Davi voltava para a casa da mãe. Mamãe cozinhava, lavava e passava, limpava o banheiro e a casa, fazia mingau, dava colo, trocava fralda, Ufa! Mamãe até tinha rede social, mas raramente usava. Mamãe só vivia ocupada: além do trabalho, do filho e da casa, ainda tinha a faculdade, que abandonou ao engravidar e agora estava tentando dar seguimento.



OÁSIS (Camila Paula)

Ontem eu entrei na casa de Maria e conheci seu quintal. Além das plantas ornamentais que ela ama, mostrou-me acerola, limão, abacaxi, siriguela, caju, pinha, graviola, goiaba, tomate, hortelã, capim santo, cidreira, porco, galinha, e tantas outras que não dou conta de dizer aqui e que a gente não vê nos filmes, nos livros, nas representações de nordeste disseminadas e introjetadas.

A água é pouca. A inteligência é muita. Aprendi a limpar a raiz do pé de limão e uma receita de chá relaxante pra acalmar da ansiedade: um mix de capim santo, cidreira e hortelã. Aprendi mais um monte de coisas. De todos os aprendizados, o sorriso de oásis me pegou! O jeito que elas sorriem pro seu quintal é diferente.

Oásis na língua egípcia significa “lugar fértil”. Para a língua copta, do egípcio demótico, “morada”. No sentido figurado: “em meio a situações difíceis, aquilo que proporciona prazer”. Os sorrisos delas carregam todos esses sentidos porque com auto organização, agroecologia e convivência com o semiárido, fazem do seu redor de casa um lugar fértil, de morada, de prazer para enfrentar o machismo, manejar o bioma e o clima e produzir para a vida. Os povos em todo o mundo, sempre de forma coletiva, constroem seus oásis. Quem dera a Terra inteira, um dia, se tornar um.

NEGRA (Ellen Dias)

Desde pequena, Vanuza sempre foi chamada de morena. Quando as jovens da faculdade visitaram a comunidade, tentaram explicar que era inadmissível aceitar tal forma de tratamento, puro suco do racismo estrutural.

Vanuza escutava e ficava boiando. O que danado era aquilo que aquelas meninas estavam falando?

Mas noutra dia aconteceu uma formação contextualizada na sede da associação, e Vanuza compreendeu, sem complicação, sem palavra enfeitada:

- Não sou morena, nada!

Olhou-se no espelho, encarando uma nova pessoa, uma mulher de pele preta, cabelo crespo e sorriso largo. Contemplando a perfeição em cada detalhe ancestral, repetia para si mesma:

- Negra! Eu sou uma mulher negra!

SABEDORIA POPULAR (Ellen Dias)

Todo final de tarde, Justina arrasta sua cadeira de balanço para a calçada e se senta para olhar o movimento da comunidade. Olhando-a assim não tem quem diga que aquela mulher tão simples já salvou tantas vidas.

Rezadeira das boas, Justina começou ainda moça. Rezava em mulher, bicho, menino e idoso. Em sua pequena cidade, todo mundo já sabe, se for quebranto ou mau olhado, leva logo pra Justina.

No tempo que era mais nova, ela também foi parteira. Doutora em sabedoria, salvou a vida de muitas mulheres sem usar medicação. Seu saber não tem diploma, não se aprende em nenhuma instituição. Vem da terra, das mulheres e de uma longa tradição. Ali na comunidade, sempre disposta a ajudar, a rezadeira é uma prova viva dos poderes da sabedoria popular.



RECEITAS (Camila Paula)

Para curar dor de cabeça: chá de hortelã.
Para gripe e garganta inflamada: alho e limão.
Em noites mal dormidas: lavanda ou camomila.
Para decisão sobre seu corpo e sua vida: fedegoso,
cavalinha. A terra e as mulheres têm suas
sabedorias.



UM NOVO REFRÃO (Camila Paula)

Laís amanheceu o dia cantarolando uma música na sala: “Eu não posso mudar o mundo, mas eu balanço, mas eu balanço, mas eu balanço o mundo...”. Bonita canção de Juliana Linhares, cantora e compositora natalense. Ester ouvia e até gostava, mas algo não lhe convencia por completo. Algo não encaixava. Foi dormir com esse pensamento.

Os dias se passaram e a canção seguiu cantada como está gravada até que, numa tarde, pós ato de rua da Marcha, 1 mil mulheres nas avenidas da capital potiguar com suas bandeiras e palavras: “João, cozinhe o seu feijão”; “palestina livre”, “legalizar o aborto”, “poder popular”, “feminismo é revolução”... e Ester pensou: Se isso não pode mudar o mundo, o que pode, então? Ora, uma marcha incontornável provoca constante transformação. Foi daí que surgiu, Juliana, com sua licença: “Eu posso mudar o mundo, e ainda balanço, ainda balanço o mundo”, nosso novo refrão.

RECOMEÇAR (Ellen Dias)

Na feira de Apodi cada feirante é uma personalidade, conhecida por quase todo mundo da comunidade. Cleide, por exemplo, parece que está ali desde sempre, vendendo suas verduras enquanto escuta o programa do sindicato.

Quem vê Cleide assim tão forte e tão tranquila não faz ideia do que ela já passou. Sua família é de Lajes, mas ela morava em Caraúbas desde quando tinha dezesseis, na época que se casou.

A felicidade durou pouco. O marido começou a jogar e beber cachaça. Bebia, jogava, perdia, ia pra casa com raiva e descontava em Cleide. Quando ela quis se separar, o marido jurou de lhe matar. Cleide buscou ajuda com uma vizinha que participava dos movimentos de mulheres e ficou um tempo na Casa de acolhimento às mulheres vítimas de violência administrada pelo Centro Feminista 8 de Março.

Depois que saiu da Casa, foi morar no sítio de uma tia em Apodi. Lá, começou a plantar. Entrou para uma associação de mulheres e passou a vender seus produtos na feira. Com quantas mulheres se faz uma personalidade, não é mesmo? Foi assim que o feminismo reescreveu sua história.

ALMOÇO DE DOMINGO (Ellen Dias)

Zeza e sua família foram passar o dia no sítio de Toinha. As duas eram primas, mas como Zeza tinha se mudado para a cidade, elas pouco se viam. Se encontraram num evento de família, conversa vai, conversa vem, combinaram de se ver no domingo.

Toinha acordou cedo para cuidar do almoço: salada, legumes, feijão verde, arroz de leite, galinha e batata doce. De sobremesa, doce de fruta.

Zeza e as filhas ficaram admiradas com a variedade de alimentos e a riqueza de sabores. Toinha, mulher, onde você comprou esses tomates?

- É daqui do meu quintal. Tudo aqui sou eu que planto.

- Esse monte de coisa?! Exclamou a amiga.

A filha mais velha de Zeza, que trabalhava numa loja de produtos agrícolas, também entrou na conversa:

- Tia Toinha, depois passe lá na loja, posso te indicar um ótimo pesticida.

- Quero não, minha filha, muito obrigada, mas na minha mesa não entra veneno!, disse orgulhosa.

- E como você faz para combater as pragas?, insistiu a jovem.

Eu boto extrato de nim, bougainvillea, cebola, alho. Pra tudo eu tenho um jeito, se não

tiver eu descubro. Eu só não tenho coragem de botar uma bomba nas costas e envenenar minha plantação.

- Mas tia, é graças ao inseticida que as empresas produzem alimentos suficientes para toda a população, contestou a filha mais nova.

- E desde quando o veneno alimenta?, retrucou a agricultora. O veneno só contamina e as empresas só produzem pra exportar. Quem bota comida na mesa do povo é a agricultura familiar.



AÇÃO 2010 (Camila Paula)

Em 2010, 3 mil mulheres da Marcha Mundial de todo o Brasil caminharam 120 km (de Campinas a São Paulo). Do Rio grande do Norte, com articulação do Centro Feminista, sindicatos e instituições parceiras, uma delegação de 300 mulheres. Auto organizadas, as mulheres populares conseguiram os transportes para chegarem ao local de partida. Toda a logística de comida, alojamento para repouso, formação feminista, segurança e cuidados a cargo da organização do movimento: somente mulheres. 10 dias de caminhada. Em cada local que passava e/ou parava, a Marcha foi notícia. Loucas? Corajosas? Quem dirá? Há também os que perguntam: para quê?! Bem nesta hora eu lembro a resposta de Galeano quando questionado sobre a serventia da utopia: “Para seguir caminhando, ainda que o objetivo pareça distante”. Assim, lutar por um mundo melhor exige caminhar. Sem caminhar não há movimento para o horizonte. É marchando que se alimenta a utopia e se constrói estrada, o caminho é a própria caminhada. Até que todas sejamos livres.



NOÊMIA (Camila Paula)

Noêmia era uma menina muito esperta. De longe se viam seus olhos atentos a todos os movimentos da casa e fora dela. Foi isso que Glória, técnica rural do Centro Feminista, conseguiu observar de primeira. Em todas as visitas do P1+2 à casa de Berna e Eraldo, pais de Noêmia, Glória prestava atenção na menina que perguntava, que contava a rotina do trabalho da mãe, o que tinha aprendido na escola... isso era encantador e estimulado pela técnica que, entre uma orientação e outra à Berna, que era quem administrava a cisterna, dava ouvidos e respostas às curiosidades de Noêmia.

- Por que chama Centro Feminista?

- Porque a gente atua com base no feminismo, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres, uma sociedade igual.

- Aí a água da cisterna é para meu pai, mas também para minha mãe no quintal, né? disse sorrindo.

Berna era uma das beneficiárias com maior produção no quintal, o lugar ideal para compartilhar experiências no intercâmbio do Projeto. E assim aconteceu.

Noêmia estudava à tarde e ficou feliz que estaria em casa no momento da visita de outros beneficiários à experiência da construção e utilização da cisterna na sua casa. Ela havia anotado algumas observações no seu caderninho.

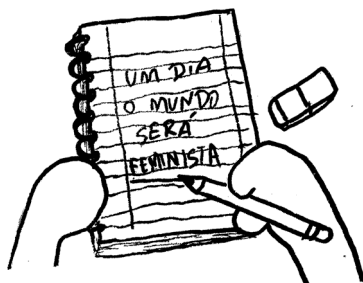
Chegado o dia, esperava no alpendre, junto à mãe, ao pai Eraldo e ao irmão um ano mais novo, Ricardo.

Quando a turma do intercâmbio chegou, Noêmia esperou todo mundo entrar para seguir a comitiva. A pequena já se encaminhava para o quintal quando Eraldo lhe barrou:

- Vai pra onde, menina?! Você tem muita coisa pra fazer. Casa pra arrumar, louça pra lavar...

Noêmia tentou argumentar que tinha participado das formações e outras visitas e que queria falar o que tinha aprendido e anotado. Glória, vendo o impasse, também tentou, mas não houve papo. Noêmia teve de fazer o que o pai lhe mandara. Pela janela da cozinha Noêmia via o grupo em círculo escutando Eraldo e Berna falarem e Ricardo sentado bem de perto, participando do momento que ela tanto sonhara e que lhe fora negado.

Noêmia ficou pensando porque o irmão podia e ela não e escreveu em seu caderno: Um dia o mundo será feminista!



PEQUENAS GRANDES REVOLUÇÕES (Ellen Dias)

Maria se casou com José. Enquanto o marido ia pra roça, Maria cuidava da casa, dos meninos e do quintal. Criava galinhas e plantava umas verdurinhas pra comer e pra vender. Achava tão ruim depender do marido. Mas o trabalho de Maria parecia não dar lucro.

Se precisava de dinheiro pra comprar um absorvente ou uma calcinha, lá ia Maria, perguntar de José tinha.

- Pra que você quer dinheiro?, o marido respondia.

Graças ao ATER e às cadernetas agroecológicas, Maria melhorou sua produção, começou a controlar seus rendimentos e conquistou um pouco de autonomia.

Certo dia, ao ver a mulher chegando em casa com as mãos cheias de sacolas, José ficou encabulado:

- O que é isso, Maria?

- Fui comprar umas coisinhas, respondeu satisfeita.

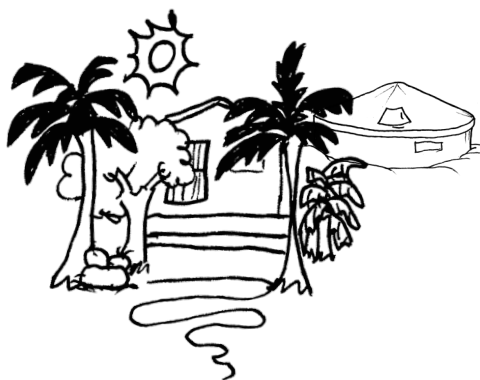
- Com que dinheiro? Pediu a quem?, questionou admirado.

- Com o meu dinheiro! Não preciso mais tá pedindo nada a ninguém.

Pode até parecer pouco, mas na luta das mulheres contra o machismo estrutural, até a mais sutil das conquistas é uma grande revolução.

REDESENHANDO A VIDA (Ellen Dias)

Quando Joana olhou a terra ardendo sem um pé de plantação, sentiu um aperto no peito, mas com a chegada das cisternas, aqueceu o coração. Guardava água da chuva para o consumo e para a produção; água para matar a sede da família, do boi e do alazão. Com água para plantar, Joana viu o verde se espalhar por toda a plantação, viu a asa-branca dançar num céu bem diferente daquele da outra canção: mulheres ressignificando o Nordeste, redesenhando o sertão.



SAÍDA (Camila Paula)

Já tinha uns 7 anos que o Centro Feminista atuava com mulheres nos bairros e comunidades rurais desenvolvendo palestras sobre saúde e violência contra a mulher, projetos pras jovens, na luta pela Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher Vítima de Violência em Mossoró. À época, o movimento feminista se organizava muito fortemente sobre esta pauta.

Certo dia, uma das mulheres que participava das atividades chamou Maria, uma das coordenadoras, no canto, e disse:

- É muito importante a gente saber que o que a gente vive é violência e como a gente pode tentar se defender. Mas sair, sair mesmo disso a gente não tem como. Moro com meu marido, tenho 3 filhos pequenos, não tenho pra onde ir. A casa é no nome dele, é ele quem ganha dinheiro pra botar comida na mesa. A gente não tem saída. Mas muito obrigada, viu?

Aquilo ficou martelando no juízo de Maria. Dias e noites sem dormir, pensando... Não basta uma delegacia. Queremos a delegacia, mas pra vencer a violência, as mulheres têm que ter autonomia.

Hoje Mossoró tem uma DEAM e uma casa de acolhimento às mulheres vítimas de violência e o Centro Feminista trabalha na execução de projetos e políticas públicas que buscam garantir renda, participação social, mobilização,

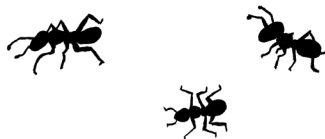
articulação das mulheres em cada canto do Rio Grande do Norte e até mesmo fora dele.

Ainda não se vive um mundo sem violência. Ainda falta muito para autonomia das mulheres. Mas cada passo dado é menos uma mulher sem saída. A saída é auto-organização feminista.



TECENDO O AMANHÃ (Ellen Dias)

As vidas das mulheres se cruzam feito linhas de um bordado à mão. Cada experiência vivida é como um pedaço de pano que vai se unindo a outros pedaços na construção de algo maior. Pelas mãos das costureiras, tiras de pano viram arte, preservam a cultura e ainda garantem o pão. Em Natal, em Macaíba, Parnamirim e outros lugares de RN, as mulheres juntam linhas e tecidos com sonhos de igualdade, lutas, conquistas e esperanças, e tecem, assim, a grande colcha de um amanhã justo e solidário.



IRREVERÊNCIA DISCIPLINADA (Camila Paula)

No Fórum Social Mundial, em 2001, a irreverência soprou vontades nos ouvidos das meninas e mulheres da Marcha Mundial que participavam do evento.

No RN, as meninas acompanhadas pelo Centro Feminista tinham a experiência do Pau e Lata, um projeto de introdução musical no bairro Nova Vida, periferia da cidade de Mossoró. Em SP, as meninas e mulheres da Sempreviva Organização Feminista queriam reciclar tambores e latas para começar uma batucada. Misturando as práticas locais, formou-se a batucada da Marcha Mundial.

Com tambores e latas recicladas, até hoje a batucada faz ritmos diversos, de coco a funk, com palavras de ordem contra o patriarcado racista e neoliberal; ecoa nas ruas, roçados e paredes em lambes impressos colados com grude; ocupa becos; cospe fogo... Cabe um mundo de coisas na ideia de batucada desde que caibam todas as mulheres de todos os lugares, cores e idades, desde que seu som de irreverência disciplinada seja para *“Derrubar esse sistema com força e rebeldia, organizar a mulherada sem perder a ousadia, sonhar e lutar como Nalu Faria”*.

VÉSPERA (Camila Paula)

No dia em que Nalu nasceu, houve festa. Dessas de rua, sem muros ou cercas aqui; de músicas latinoamericanas e caribenhas ali; de sabores diversos e sem veneno acolá; de discursos contra as tiranias entre brindes de indignação e ousadia do outro lado do continente; atenção e gestos amorosos entrelaçando os pontos cardeais da Terra. No dia em que Nalu nasceu, renovaram-se sonhos de uma vida igual e livre. Foi uma festa-comício descentralizada. Uma marcha-dança, ciranda, xigubu contra opressão colonialista. Pratos de tabule de mão em mão, bonitos lenços coloridos nos pescoços, um quentinho no peito, uma paz que só em outro mundo é possível. Sei que foi assim com esses acontecimentos espalhados em lugares remotos do mundo porque quando ela nasceu juntou tudo isso e mais um tanto na revolução que ela foi e segue sendo, até que faremos, todas juntas, num só lugar, ao mesmo tempo, o outro mundo que será. Por ora, somos vésperas.



CAMILA PAULA (ORG.)

SOBRE AS AUTORAS



CAMILA PAULA

Camila Paula é comunicadora, graduada em comunicação social, mestre em Educação e, atualmente, cursa letras na UERN. Poetisa, produtora cultural e militante feminista da Marcha Mundial das Mulheres.



ELLEN DIAS

Graduada em jornalismo, licenciada em Letras Português e mestre em Ciências Sociais e Humanas pela UERN. Tem experiência com fotografia, diagramação e ilustração. É poeta e militante da Marcha Mundial das Mulheres.